

Taiwan quer investir na capital federal

■ **TAIPEI (TAIWAN).** Com mais de 60% de seu comércio internacional atrelado à China continental, Taiwan quer diversificar o seu portfólio de investimentos e busca novas oportunidades nos grandes mercados emergentes do mundo, como Brasil, Índia e Rússia.

A revelação é do vice-diretor do Escritório de Comércio Exterior do Ministério da Economia de Taiwan, James Hsin-Hua Wu, e foi feita à delegação brasileira que visita o país. De acordo com Wu, o Brasil saiu na frente nessa corrida para atrair investimentos estrangeiros pela mão-de-obra qualificada (mais de 10 mil doutores formados por ano) e pela abundância de matérias-primas.

— Queremos conhecer melhor as oportunidades de negócios — afirma ele.

E a ideia do governo do Distrito Federal é levar esses recursos para Brasília, para os parques tecnológicos que estão sendo criados na cidade (Capital Digital, Sucupira e de Microeletrônicos).

De acordo com o secretário de Ciência e Tecnologia do GDF, Izalci Lucas, um dos integrantes da delegação brasileira em Taiwan, o Distrito Federal tem grande potencial para rece-

ber os investimentos taiwaneses pela alta qualificação da mão de obra local. Proporcionalmente à população, o DF tem um pesquisador — cadastrado nos diretórios dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) — para cada 1.349,52 habitantes.

Esse é o melhor índice do país, que tem média nacional de um para 3.345,64. O estado de São Paulo, o mais desenvolvido na área de C&T, tem um pesquisador para cada 2.443,62 cidadãos. Além disso, dados do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) mostram que a média dos anos de estudo da população em idade ativa (PIA — 10 anos ou mais de idade) do Distrito Federal vem se mantendo superior à média nacional desde 1992. No ano de 2003, enquanto o DF teve a média de 8,24 anos de estudo, o Brasil registrou 6,42 anos e São Paulo, 7,43 — índice atingido pelo DF entre 1997 e 1998.

— Brasília é a parceira ideal para Taiwan até mesmo pela vocação para a tecnologia. Temos vantagens muito parecidas com a cidade de Taipei (capital do país asiático) para o ambiente de negócios — aposta Izalci Lucas. *(Augusto Castro/Enviado especial da UnB Agência)*



Izalci Lucas: “Brasília é a parceira ideal para Taiwan até mesmo pela vocação para a tecnologia”

■ Vice-reitor diz que UnB está preparada

Para o vice-reitor da Universidade de Brasília (UnB), Edgar Mamiya, que também integra a comitiva brasileira, a aproximação entre o setor produtivo local, a universidade e o governo é um sinal claro de que o DF está pronto para consolidar os parques tecnológicos locais.]

— A academia está bem preparada para formar recursos humanos qualificados e com características empreendedoras. Na verdade, já fazemos isso e estamos em Taiwan para aprender com eles e construir nossa própria experiência nesse setor — destaca Mamiya.

A ideia é, com isso, estabelecer uma ponte não só entre os setores produtivos dos dois países, mas também na área acadêmica, com o intercâmbio de estudantes, professores e pesquisadores.

Atualmente, o volume de negócios entre Brasil e Taiwan é de US\$ 2,3 bilhões anuais. Mas o diretor-geral do Departamento de Relações das Américas do Sul e Central do Ministérios de Relações Exteriores de Taiwan, Simon Ko, aposta que ainda há muito espaço para crescer.

— Nossa expectativa é ampliar esse poder de transação em um futuro muito próximo. Há um equilíbrio nas exportações e importações de Taiwan para o Brasil que precisa ser corrigido para que a relação se desenvolva com mais força — ressalta ele.

De acordo com Ko, um exemplo de sucesso que pode alcançar os setores de biotecnologia e tecnologia da informação é o caso da Embraer, que tem oito aviões operando no espaço aéreo chinês.

Para o vice-presidente da Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra), Ricardo Caldas, a sintonia entre academia, governo e setor produtivo em prol do desenvolvimento do Capital Digital representa uma força para a região.

— A ampliação das relações é de grande interesse do empresariado local e temos uma excelente oportunidade com a implantação do parque — avalia Caldas.

Ele quer aproveitar a experiência taiwanesa de incentivo a pequenas e médias empresas para impulsionar esse mesmo setor no DF, já que cerca de 97% dos negócios são tocados por micro e pequenos empreendedores.

— Esperamos novidades em um futuro próximo — reforça o vice-presidente da Fibra. *(Augusto Castro/Enviado especial da UnB Agência)*